

O eu e o outro na tradução: pensando a alteridade

Vera Lúcia de Oliveira*

RESUMO:

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a relação que se instaura entre o eu e o outro no processo tradutório. Ele se fundamenta na premissa de que traduzir é um dos modos mais radicais de procurar conhecer a alteridade que se subtrai e que é, irremediavelmente, diversa e distinta de nós.

Palavras-chave: Tradução Literária. Tradução Poética. Bilingüismo. Poesia e Identidade. Poesia Brasileira Contemporânea.

Em uma entrevista recente, perguntaram-me porque, em relação ao livro *No coração da boca / Nel cuore della parola*, publicado primeiramente na Itália, embora tenha sido escrito em português, preferi não traduzir os poemas, cujas versões em italiano são de Guia Boni. Questionaram-me também se tal escolha pudesse estar ligada ao fato de que, para um autor, traduzir o próprio texto em outra língua possa representar uma re-escritura, capaz de modificar a configuração originária da obra.

Parto dessas questões para iniciar, aqui, uma breve reflexão sobre a tradução em si. Naquele momento, em 2003, quando o livro foi publicado, decidi que não o traduziria porque o tinha escrito há muito pouco tempo e todo o meu ser se recusava a deixar aquela dimensão magmática da língua em que tinha sido gerado. Não era possível passar, tão bruscamente, do processo criativo ao analítico, ou seja o da tradução de algo que ainda estava grudado ao seu cordão umbilical. Uma coisa é a escrita poética, outra a tradução da poesia, mesmo, e sobretudo, para o autor.

Há muitas formas de viver e de narrar o processo de criação poética. No que me diz respeito, poesia é uma espécie de revelação, é um momento de vertigem e epifania. Quando me ponho a escrever um livro, quase sempre percebo que ele já está escrito, que foi elaborado aos poucos, dia após dia, palavra após palavra. É evidente que tal prática criativa, que se patenteia quando o “objeto”, ou seja a poesia, se manifesta e é modelada pela consciência, incorpora algum tipo de análise intuitiva profunda, que lhe é própria. É quase um estado de consciência alargada, tão cabal e abrangente que, creio, seria impossível vivê-lo ou mantê-lo vinte e quatro horas por dia, trezentos e sessenta e cinco dias por ano.

A tradução literária, se segue alguns dos procedimentos peculiares à criação de uma obra, incorpora contudo outros distintos, já que é também um trabalho analítico e interpretativo, no mais alto grau. O tradutor trilha caminhos diversos para realizar um périplo semelhante ao do autor. Poderá chegar, se for um bom tradutor, ao mesmo patamar de compreensão a que chegou o autor e poderá até ultrapassá-lo, fazendo maturar, como afirma o poeta francês Yves Bonnefoy, “alguns dos seus frutos ainda verdes nos ramos” (BONNEFOY, 2005, p. 53-58). Será necessária, para isso, a razão, ao lado da sensibilidade e da capacidade de inventar formas e palavras. Contudo, não é o mesmo tipo de criação que se dá com a poesia em si, em seu momento latente de revelação, em que há algo que foge à lógica e à racionalidade, ou algo que pertence a uma lógica diversa, que atravessa outros sentidos e outros canais para se tornar voz e palavra.

Quem sabe não é por nostalgia do fogo sacro da gênese, que forjou a obra de arte, que nos sentimos atraídos pela dimensão criativa e fecunda da tradução literária. Creio, no entanto, que exista

um outro elemento vital nesse transpor elementos de uma língua à outra. A tradução é uma aventura que nos leva para fora de nós mesmos. Nesse ato de revelação da alteridade, estão sempre muito presentes o prazer e o temor de abrir uma porta que nos conduzirá ao outro.

A tradução é, contudo, também procurar a própria casa em uma outra língua, coisa em princípio impossível, como afirmam Benedetto Croce, José Ortega y Gasset e tantos outros estudiosos. E, no entanto, tentamos sempre o impossível, e a tradução, nesse desejo utópico de compreender o próximo como a nós mesmos, acaba sendo um processo lento de aproximação a essa casa que buscamos. Afirma, justamente, Croce: “La traduzione, che si dice buona, è un’ approssimazione, che ha valore originale d’opera d’arte e può stare da sé” (CROCE, 2002a, p. 213).¹ Tal aproximação só é possível no momento em que deixamos nossa cômoda poltrona, nossa casa segura, para buscar uma outra língua, uma outra pátria, uma outra cultura, uma outra história e geografia.

É o outro que buscamos na tradução. Só que esse outro nos escorrega pelas mãos, não se deixa capturar facilmente, não nos espera, não nos escuta, não pensa que somos o centro do seu universo, não nos dá razão, nos vê como estrangeiros. Não é, igualmente, um nosso *alter ego* transparente, é, aliás, alguém irreduzível às nossas simplificações, uma personalidade independente e original, que pensa, se move e se comporta em modo autônomo.

Como ocupar, na tradução, a sua casa se ele não a desocupa, se ele pretende vir junto com ela, se ele erigiu paredes que se conformaram ao seu corpo, se usa roupas que não ficam bem em nossa pele, com nossa cor e tamanho? A tradução traz, com a língua do outro, transplantado na nossa, o corpo do outro, que não se modela de novo em nossa língua da mesma maneira em que se modelara na dele.

Se a tradução é uma operação assim tão utópica, porque nos atrai tanto? Porque a tradução é um processo através do qual incorporamos em nós, como dissemos, a alteridade. Muitos grandes artistas e escritores se sentiram atraídos e construíram toda a obra em função deste anseio de viver outras vidas, de acumular identidades, de multiplicar as possibilidades de ver, ouvir, sentir, ser alguém diferente de nós mesmos.

No ato de escritura, afirma David Grossman, o escritor projeta a sua psique na do personagem que está criando. O escritor, nessa busca de simbiose, tenta libertar-se do vínculo do seu próprio ser para chegar ao centro da identidade de outrem, sem anexá-la, como uma espécie de satélite, em torno do seu eu identitário, sem convertê-la à sua subjetividade, sem inibi-la ou subjugar-la a priori. No belíssimo ensaio “Conoscere l’altro dal di dentro”, o escritor israelense narra tal processo, misterioso e alquímico, que é a própria razão e o sentido profundo da literatura:

[...] quando giungo a tale consapevolezza dell’altro dall’interno [...] allora vivo uno dei più grandi piaceri che la scrittura possa regalare: la facoltà di permettere ai miei personaggi di essere se stessi, dentro di me. Lo scrittore diventa allora lo spazio in cui i suoi personaggi possono realizzare caratteristiche e aspirazioni e azioni, impulsi e cose folli, devianti e sante, di cui lo scrittore non sarebbe capace [...]. Che miracolo, quale felicità, quale dolce ricompensa sono tali momenti, quando durante il lavoro di scrittura per un determinato personaggio lo scrittore viene da questi rescritto: e cioè, una sfumatura ignota del suo carattere, rimasta muta, latente, repressa, gli si formula tutt’a un tratto, viene ‘riscattata’ da un dei suoi personaggi, ‘viene alla luce’ nel senso letterale dell’espressione (GROSSMAN, 2007, p. 20-21).²

Citei parte deste longo e belo depoimento de Grossman porque estou convencida de que o mesmo processo empático, que caracteriza a criação literária, marca também o trabalho de tradução, que é viagem em novas identidades, alargamento de consciência, iluminação de ângulos obscuros do nosso próprio ser.

Nesse sentido, podemos então dizer que não há muita diferença entre criar e traduzir, pelo menos para mim. Traduzir poesia, e é o único tipo de tradução ao qual me arrisco, é aproximar-me do outro, entrar no outro e sê-lo, de alguma forma. Se a tradução é uma aproximação ao texto e ao outro, é também um tentar adentrar-se na identidade alheia. A relação que se instaura só pode ser de tipo empático: o eu procura sentir, através do outro, e ver, com os olhos do outro, o mundo que o circunda ou a parte de mundo sobre o qual se fixa.

Nesse processo, o eu nunca será completamente o outro, porque o único modo de despersonalização ou de alienação completa é o da doença mental ou o da morte, quando cessa a consciência do indivíduo. E, contudo, não há outro modo de ir de encontro ao nosso próximo senão procurando sair de nós e tentando “entrar” nas razões, na essência e na identidade de quem é diverso de nós. Traduzir é conhecer, é talvez um dos modos mais radicais de procurar conhecer a alteridade, que se subtrai e que é, irremediavelmente, diversa e distinta de nós.

Para Yves Bonnefoy, a tradução é a escola do respeito, que nos predispõe e nos força a ouvir nossos semelhantes. Traduzir, contudo, não é imitar mecanicamente, já que temos o direito e o dever de sermos nós mesmos, de sermos autênticos, assim como devemos garantir o mesmo ao autor que traduzimos. É por isso que deveríamos traduzir, afirma o poeta e tradutor francês, apenas os poetas que realmente amamos, o que significa que os entendemos e que podemos reviver seus sentimentos e experiências em nossa própria vida, como se fossem nossos (BONNEFOY, 2005, p. 59-65).

Manuel Bandeira afirmava que traduzia apenas o que gostaria de ter escrito ele mesmo. Para mim também é assim, traduzo os poetas que me atraem, que me fascinam e que têm afinidade comigo. Não poderia traduzir autores que não amo, que sinto muito distantes, pelo modo de ser ou de pensar. Por quanto possa parecer diferente um autor, quando decido traduzi-lo é porque já identifiquei, nele, algo de intrínseco também a mim mesma. Na realidade, a ambigüidade da tradução está nessa inexorável contradição: cremos que estamos saindo em busca do outro e, na verdade, procuramos nele aquela parte de identidade comum que compartilhamos. Por outro lado, que diálogo seria possível entre duas pessoas que não têm algum tipo de afinidade ou de reciprocidade entre elas?

Esse não é o único aspecto que me instiga na tradução: através dela forçamos a língua a dizer o que antes não dizia. A tal propósito, o filósofo espanhol Ortega y Gasset afirma que um indivíduo que não renunciasse a dizer muitas coisas ao mesmo tempo, seria simplesmente incapaz de dizer o que quer que fosse. Cada língua – afirma – é uma modulação diferente entre silêncio e fala. Assim, cada povo deve calar algumas coisas para poder dizer outras. Nisso, ele acrescenta, reside a grande dificuldade da tradução: ela nos força a dizer, em um determinado idioma, justamente o que este idioma tende a silenciar (ORTEGA Y GASSET, 2001, p. 42).

A tradução é, pois, extremamente fecunda, predispõe a língua para novos conteúdos e formas, força-a sair de si. Se o processo simbiótico de percepção e sucessiva análise e interpretação de novas culturas e identidades, que é parte da atividade tradutória, leva a um enriquecimento humano e propicia hibridações fecundas, esse mesmo processo se projeta de forma positiva sobre o idioma, pois novos conteúdos geram novas formas. O papel do tradutor é, pois, fundamental. Ele participa da contínua e necessária ação de remodelagem da língua, instaurando novas modalidades expressivas.

A tradução é, no entanto, um gênero literário muito peculiar, com normas e finalidades próprias. Isto se dá – e nenhum bom tradutor pode esquecer-lo – “pela simples razão que a tradução não é a obra, mas um caminho em direção à obra” (ORTEGA Y GASSET, 2001, p. 49). De fato, Croce afirma que “ogni contenuto è diverso da ogni altro, perché niente si ripete nella vita; e al variare continuo dei contenuti corrisponde la varietà irriducibile delle forme espressive” (CROCE, 2002a, p. 208).³

Para Croce, a própria declamação ou recitação de uma poesia já não é mais a mesma poesia, como foi concebida por seu autor. É outra coisa, que pode melhorar ou piorar o texto original. Não é a toa que os poetas mal suportam os declamadores dos seus versos, porque sabem, ele afirma, que a poesia “è una voce interiore, a cui nessuna voce umana è pari: è un ‘cantar che nell’anima si sente” (CROCE, 2002b, p. 219).⁴

Guimarães Rosa, respondendo às questões colocadas por seu solerte tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, incerto sobre algumas de suas escolhas tradutivas e temeroso de não conseguir manter, em italiano, a densidade e a força do original, afirma que ele deveria seguir – como critério fundamental de conduta – a própria sensibilidade e o conhecimento profundo que tinha de toda a obra roseana, bem como da realidade nela descrita, e a empatia que se tinha estabelecido, desde o início, entre os dois, autor e tradutor. E Guimarães Rosa confessa, surpreendentemente, que também ele, quando escrevia, se sentia um tradutor, que tinha as mesmas incertezas descritas por Bizzarri em suas cartas: “Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse “traduzindo”, de algum original, existente alhures, no mundo astral ou no “plano das idéias”, dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando nesta “tradução”. Assim, quando me “re”-traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do “original ideal”, que eu desvirtuara...” (GUIMARÃES ROSA, 1981, p. 63-64).

Problematizando desta forma a criação literária, Guimarães Rosa inscreve-se (não sei quanto deliberadamente) no âmbito de uma interpretação benjaminiana da tradução, ou seja ele associa tal atividade à possibilidade de colher elementos de um plano mais elevado, que para Walter Benjamin é o de uma língua pura, uma língua adâmica original perdida (BENJAMIN, 2002, p. 221-236). O escritor seria, assim como o tradutor, um intérprete capaz de se aproximar, em grau maior ou menor, desse “original ideal”, que inspira a obra de arte. Rosa põe, dessa forma, no mesmo plano a criação e a tradução, ambas atividades humanas com as quais tentamos colher e, quem sabe?, decifrar algo do significado velado do universo. A condição babélica da humanidade, vivida por muito tempo como limitação e castigo, se transforma assim, pela tradução, em experiência positiva, capaz de revelar dimensões novas e inusitadas.

Muitos estudiosos afirmam que as boas traduções deveriam fazer parte do cânone literário, pois também influem, condicionam e mesmo plasmam, em muitos casos, tanto quanto as obras originais, o *corpus* literário de um país ou de uma língua. Poderíamos citar exemplos, penso, em todas as línguas, de como obras e autores estrangeiros entrem a fazer parte de uma determinada tradição literária através de traduções mais ou menos bem feitas, que alteram consolidados padrões estéticos. Para isso, naturalmente, é necessário que a tradução reconheça e resguarde a identidade psicológica e cultural tanto do autor quanto do tradutor.

Goethe afirma que o bom tradutor, que acolha totalmente e que se identifique com o seu original, renuncia em parte à sua própria originalidade cultural, criando uma terceira entidade, uma versão do texto que o poeta alemão denomina de “versão interlinear”, a qual facilita enormemente, segundo ele, a compreensão do original, pois por meio dela somos levados ao texto de base e ao inteiro círculo dentro do qual ele se move. Aproximamo-nos, assim, através da tradução, do que nos é doméstico e ignoto ao mesmo tempo. Ele apontava, nisso, um fator de revitalização da literatura, e – poderíamos acrescentar – da língua e da cultura em geral de um país (GOETHE, 2002. p. 121-124).

É preciso atentar, no entanto, para alguns dos “escândalos da tradução”, como os define Lawrence Venuti, em seu livro homônimo. A tendência a domesticar as diferenças, a forjar estereótipos, a desvincular uma obra ou um autor do seu sentido histórico, a filiá-los a comunidades e valores culturais específicos com objetivos que, em muitos casos, obedecem a determinados

projetos religiosos, políticos ou ideológicos, são riscos e perigos sempre muito presentes no universo da tradução (VENUTI, 2002, p. 129-167).

Eis que a diferença psicológica e cultural do outro, que pensamos ir buscar com a tradução, acaba sendo representada com o nosso rosto, com a nossa forma, com os nossos defeitos e tiques. A postura ética do tradutor deve, ao contrário, levá-lo a penetrar na cultura estrangeira com o respeito e a consideração que devemos, numa relação dialógica, ao nosso interlocutor. Essa ética, afirma ainda Venuti, “não impede a assimilação do texto estrangeiro, mas objetiva ressaltar a existência autônoma daqueles textos por trás [...] do processo assimilativo da tradução” (VENUTI, 2002, p. 28).

Com isso fechamos o círculo e retornamos à nossa reflexão inicial, segundo a qual a tradução é caminho em direção à alteridade, caminho em que nos encontramos com esse outro e o convidamos a entrar, como hóspede, em nossa casa. Não era meu objetivo esgotar um tema tão vasto, quis apenas expor algumas reflexões e perplexidades, que visam solicitar, a mim mesma *in primis*, possíveis novos enfoques interpretativos dessa atividade tão fascinante, aparentemente utópica e, no entanto, extraordinária de reconstrução de um texto literário numa outra língua, que será sempre outro texto, entre dois mundos e dois universos, ponte que atravessamos para sair de nossa morada e ir ao encontro do hóspede.

The I and the Other in translation: meditations on alterity

ABSTRACT:

This article meditates on the relation between the authorial I and the Other in the process of translation. The starting premise is that translating is one of the most radical ways of getting to know the lost alterity which is, irremediably, diverse and distinct from us.

Keywords: Literary translation. Poetic translation. Bilingualism. Poetry and identity. Contemporary Brazilian poetry.

Notas explicativas

* Professora de Literaturas Portuguesa e Brasileira na Università degli Studi di Perugia (Itália).

¹ Tradução da autora: A tradução, que se pode considerar boa, é uma aproximação, que tem valor original de obra de arte e pode viver por si mesma”.

² Tradução da autora: “[...] quando chego a tal consciência do outro, pelo lado de dentro, [...] vivo então um dos grandes prazeres que a escritura possa proporcionar: a faculdade de permitir aos meus personagens serem eles mesmos, dentro de mim. O escritor torna-se, então, o espaço no qual os seus personagens podem realizar características e aspirações e ações, impulsos e coisas loucas, desviantes ou santas, das quais o escritor não seria capaz [...]. Que milagre, que felicidade, que doce recompensa são tais momentos, quando, durante o trabalho de escritura de um determinado personagem o escritor é por este reescrito: ou seja, uma nuance desconhecida do seu caráter, que estava muda, latente, reprimida, formula-se de repente, é ‘resgatada’ por um dos seus personagens, ‘vem à luz’ no sentido literal da expressão”.

³ Tradução da autora: “cada conteúdo é diferente de qualquer outro, porque nada se repete na vida; e ao variar contínuo dos conteúdos corresponde a variedade irredutível das formas expressivas”.

⁴ Tradução da autora: “[a poesia] é uma voz interior, à qual nenhuma voz humana é igual: é um ‘cantar que na alma se ouve”.

Referências

BENJAMIN, W. Il compito del traduttore. In NERGAARD, S. (*a cura di*), *La teoria della traduzione nella storia*. Milano: Strumenti Bompiani, 2002. p. 221-236.

BONNEFOY, Y. *La comunità dei traduttori*. Trad. di Fabio Scotto. Palermo: Sellerio Editore, 2005.

CROCE, B. Indivisibilità dell'espressione in modi o gradi e critica della retorica. In: NERGAARD, S. (a cura di), *La teoria della traduzione nella storia*. Milano: Strumenti Bompiani, 2002a. p. 207-213.

CROCE, B. L'intraducibilità della rievocazione. In: NERGAARD, S. (a cura di), *La teoria della traduzione nella storia*. Milano: Strumenti Bompiani, 2002b. p. 215-220.

GOETHE, J. W. Note e saggi sul Divan orientale-occidentale. In: NERGAARD, S. (a cura di), *La teoria della traduzione nella storia*. Milano: Strumenti Bompiani, 2002. p. 121-124.

GROSSMAN, D. *Con gli occhi del nemico*. Trad. di E. Loewenthal e A. Shomroni. Milano: Mondadori, 2007.

GUIMARÃES ROSA, J. *Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. São Paulo: T. A. Queiroz e Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1981.

ORTEGA Y GASSET, J. *Miseria e splendore della traduzione*. Trad. di C. Razza. Genova: Il Melangolo, 2001.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. de L. Pelegrin, L. M. Villela, M. D. Esquerda, V. Biondo. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.